

O carnaval das letras, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

Cristiana Schettini Pereira*

Ao convidar seu leitor para um passeio por carnavais de outros tempos, Leonardo Pereira afirma que os muitos nomes atribuídos à festa carnavalesca (entrudo, dias de folia, tempo de loucura) “podem não ser bons para pular carnaval, mas certamente são bons para pensá-lo” (p.1). Ao recorrer ao “bom para pensar”, Leonardo nos indica que para além da aparente sensação de homogeneidade que eventualmente possamos experimentar, o carnaval tem história. O leitor, mesmo que ainda não convencido, pelo menos já tem uma idéia de “com quem está falando”, ou lendo. É pelas mãos de um historiador com um pé na antropologia que ele é apresentado aos literatos que viveram no Rio de Janeiro das décadas finais do século XIX. E estes - o historiador/antropólogo e os literatos - serão os dois intermediários entre o leitor e um mundo aparentemente estranho.

São quatro textos de autores do período - Raul Pompéia, um certo “Bosco”, Machado de Assis e Gastão Bousquet - que fornecem o caminho do passeio carnavalesco. Cada capítulo tem uma destas crônicas como eixo, e ao decifrá-las, com a ajuda de uma vasta documentação, o autor nos leva às diferentes formas de celebrar o reinado de Momo (e também de se pensar sobre ele) que tomavam lugar no Rio de Janeiro do fim do século XIX. Longe de apenas aumentar a galeria de curiosidades carnavalescas, Leonardo

* Autora da monografia de bacharelado *Nas barbas de momo: os sentidos da presença feminina no carnaval das grandes sociedades - fim do século XIX*. Campinas, IFCH - Unicamp, 1995. Mestranda em História Social na Unicamp.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 2	165-168	1995
------------------------	---------------	------	---------	------

diferencia-se fundamentalmente de toda uma tradição acadêmica ao identificar naquelas manifestações festivas intensos e significativos conflitos em torno de algo mais do que a simples celebração da festa. Ao resistir à tentação de emprestar classificações consagradas tais como “rito de inversão” ou “válvula de escape”, o autor abre espaço para a compreensão do carnaval das últimas décadas do século XIX como um momento privilegiado da tentativa daqueles literatos de imprimir nos grupos populares os sentidos da nação com a qual sonhavam.

Esta percepção é fundamental por revelar novas possibilidades de estudo das manifestações carnavalescas e outros temas classificados sob o controverso termo “cultura popular”, pois carrega em si um forte potencial de politização de tais temas. Com o desmantelamento de um pressuposto sobre os sentidos unívocos e homogêneos da festa, estejam eles localizados num determinado momento histórico ou mesmo permanecendo através dos tempos, o autor desnaturaliza seus significados, podendo tratar o carnaval como um inesperado lugar dos conflitos sociais entre diferentes grupos da época.

Leonardo mergulha no emaranhado de impasses em que se meteram os estudos de “cultura popular” desde o momento em que define seu tema, mas parece conseguir apontar algumas saídas através da forma como o desenvolve. Neste sentido, os procedimentos utilizados pelo autor para dar conta da abordagem de um tema “antropológico” numa análise histórica expressam sua própria trajetória intelectual. A escolha de lidar com o processo de “comunicação cultural” partindo do ponto de vista de um grupo específico - os literatos - permite que Leonardo recupere tal processo nos termos em que ele se dá para o grupo em questão, no melhor estilo do “ponto de vista nativo”. Sem recorrer a esquemas ou explicações apriorísticas, os sentidos da atuação histórica dos literatos são delineados em vários momentos de suas experiências e das relações estabelecidas com outros grupos.

Por isso a cronologia das crônicas não é casual: a primeira é de 1883, a última de 1895. Com isto o autor pode apreender as mudanças deste processo,

que começa com uma crença na superioridade natural de um “carnaval civilizado” sobre o “bárbaro” entrudo e termina com a mal disfarçada percepção, traduzida na representação da morte da festa, de que para além do carnaval e da República dos sonhos dos literatos havia todo um mundo fora das suas tentativas de controle. Os “homens de letras”, no entanto, nunca aparecem definidos como um grupo coeso. A preocupação em apreender a identidade literária em movimento ao longo dos últimos anos do século XIX soma-se ao esforço de defini-la também em relação a outros grupos. Assim, por trás de seus desentendimentos intermináveis, e levando-os em conta, o autor revela-nos que ao compartilhar uma visão projetiva sobre a nação estes homens permitem que os vejamos, nos diferentes momentos e na relação com seus “outros”, como um grupo com características específicas. Isso, porém, não quer dizer que possam ser simplesmente enquadrados em alguma ampla categoria como “cultura de elite”.

É inevitável que se ressalte a forma como o autor lida com seu principal corpo de fontes, as produções literárias. É por nunca sucumbir à tentadora prosa de seu “objeto” e acabar conferindo-lhe alguma característica transcendente que o autor é bem sucedido em sua empresa. Na sua análise, os textos literários nunca são dissociados da experiência histórica dos homens que os produziram, antes sendo reveladores de tais experiências e dos conflitos que eles ao mesmo tempo escondem e deixam entrever. Desta forma, sem imaginar que estariam sendo acompanhados em seus passos por curiosos e inquisidores olhos, os homens de letras vão sendo progressivamente examinados em suas contradições e lacunas.

E é neste mesmo exame que também vão sendo revelados os “outros lados” da comunicação, que à primeira vista são identificados pelos próprios literatos como um “outro” coeso, homogêneo... e ignorante. Na verdade, através das investidas pedagógicas dos literatos, descobrimos que se trata de muitos “outros”, e que suas experiências não se encaixam simplesmente na ampla categoria “cultura popular”.

Talvez seja a partir de trabalhos como este que se possa definir melhor os rostos da “classe dominante” deste período numa perspectiva de história social, sem perder de vista a dimensão conflituosa fundamental de todo este processo de exclusão das diferenças que transparece tão bem nos embates que se dão no campo da cultura.